

## **A REDE COMERCIAL DO GUARANÁ E A MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO PELO CAPITAL NO MUNICÍPIO DE MAUÉS-AM<sup>1</sup>**

### **The commercial network of guaraná and the monopolization of the territory by the capital in the municipality of Maués-AM**

Luís Fernando Belém da Costa  
Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
[luis.geouea@gmail.com](mailto:luis.geouea@gmail.com)

Manuel de Jesus Masulo da Cruz  
Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo – USP  
Professor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
[masulo@bol.com.br](mailto:masulo@bol.com.br)

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma pesquisa sobre as características da rede comercial do guaraná (Paulínia Cupana, var. Sorbilis) no município de Maués-AM, tendo como foco principal a relação entre os camponeses e o capital (AmBev). Para isso, foi necessário levar em consideração a atuação dos diferentes sujeitos sociais e instituições envolvidas nesse processo, como por exemplo, o papel da Embrapa, empresa pioneira na pesquisa com os clones de guaraná, bem como o papel dos atravessadores financiados pela AmBev, que compram o guaraná e estabelecem relações de integração junto aos camponeses, fazendo com que os mesmos estejam cada vez mais subordinados ao capital; subordinação que ainda inclui o fato do guaraná clonado ser conseguido por meio de financiamento junto aos Bancos e ao monopólio da AmBev. Porém, essa condição não significando o fim da autonomia camponesa, mas uma estratégia de reprodução social e econômica fundamentada na permanência da atividade camponesa do guaraná.

**Palavras-chave:** Guaraná; Monopolização do território; Maués, Campesinato.

**ABSTRACT:** This article presents a research on the characteristics of the commercial network of guaraná (Paulinia Cupana, var. Sorbilis) in the municipality of Maués-AM, having as main focus the relation between the peasants and the capital (AmBev). For this, was necessary to take into account the performance of the different social subjects and institutions involved in this process, as for exemple, the role of the Embrapa, pioneer in the research with guaraná clones, as well as the role of the AmBev Funded intermediaries, who buy the guaraná and establish relations of integration with the peasants, causing them to be increasingly subordinated to capital; subordination which still includes the fact of cloned guaraná can be achieved by means of together with the banks and the monopoly of AmBev. However, this condition does not mean the end of peasant autonomy, but a strategy of social and economic reproduction based on the persistence of the peasant activity of guaraná.

**Keywords:** guarana; monopolization of the territory by the; Maués; peasantry

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta uma pesquisa sobre as características da rede comercial do guaraná (Paulínia Cupana, var. Sorbilis) no município de Maués-AM, tendo como foco principal a relação entre os camponeses e o capital (AmBev). Para isso, foi

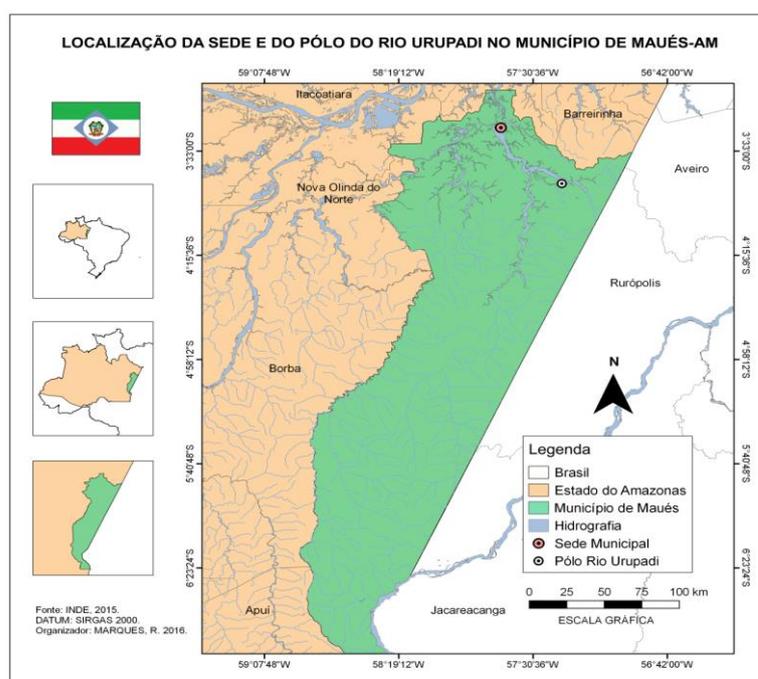
---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto do terceiro capítulo da dissertação intitulada “Cultivadores de guaraná: um estudo do processo de monopolização do território pelo capital no município de Maués-AM” defendida em 14 de julho de 2017 na Universidade Federal do Amazonas.

necessário levar em consideração a atuação dos diferentes sujeitos sociais e instituições envolvidas nesse processo, como por exemplo, o papel da Embrapa, empresa pioneira na pesquisa com os clones de guaraná, bem como o papel dos atravessadores financiados pela AmBev, que compram o guaraná e estabelecem relações de integração junto aos camponeses, fazendo com que os mesmos estejam cada vez mais subordinados ao capital; subordinação que ainda inclui o fato do guaraná clonado ser conseguido por meio de financiamento junto aos Bancos e ao monopólio da AmBev. Porém, essa condição não significando o fim da autonomia camponesa, mas uma estratégia de reprodução social e econômica fundamentada na permanência da atividade camponesa do guaraná.

Na lógica da monopolização do território pelo capital, a expansão capitalista no campo ocorre de forma contraditória, abrindo espaço para relações não tipicamente capitalistas (OLIVEIRA, 2007), como é o caso da atividade do guaraná em Maués, onde o capital representado pela empresa de bebidas AmBev, monopoliza o território, sem, contudo, territorializar-se, pois ao se apropriar do fruto do trabalho camponês (o guaraná) logo estará extraindo a renda da terra, sem que seja necessário recorrer ao trabalho assalariado.

Dessa forma, para a compreensão do processo de monopolização do território pelo capital no município de Maués o foco principal deste trabalho foi a relação estabelecida entre o capital representado pela Indústria de bebidas AmBev e os camponeses, que também serão chamados de cultivadores de guaraná no decorrer deste trabalho. A área de estudo da pesquisa se concentrou principalmente na sede municipal, onde está instalada a fábrica de extratos da AmBev, e na localidade rural conhecida como Urupadi, pelo motivo deste ser o local de onde provém cerca de 60% de toda produção do guaraná de Maués, e por ter havido nesse local uma forte difusão do guaraná clonado (figura 1).



**Figura 1.** Localização da sede municipal e da região do Urupadi. **Fonte:** INDE (2015). Organizador: COSTA, L.F.B; MARQUES, R.O (2017).

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Essa pesquisa pautou-se numa abordagem teórico-empírica, de cunho qualitativo, tendo como área de estudo a cidade de Maués e a localidade rural do Urupadi. Um dos primeiros passos para a realização da pesquisa foi efetuar o levantamento bibliográfico referente à abordagem teórica utilizada, nesse caso, buscando embasamento teórico sobre os conceitos de monopolização do território pelo capital em autores como Oliveira (2007), Martins (1995) e Paulino (2012); bem como sobre o conceito de camponês trabalhado por autores como Chayanov (1974), Shanin (1980), Oliveira (2007), Tavares dos Santos (1985), Harris (2007), Witkoski (2010) e Cruz (2007); além dos conceitos de território e territorialidade em autores como Raffestin (1995) e Sack (1986); e posteriormente, referências bibliográficas sobre a área de estudo e a comercialização do guaraná.

Os primeiros trabalhos de campo foram realizados durante o mês de agosto de 2015 e Fevereiro de 2016 na cidade de Maués, na ocasião entrevistamos alguns antigos cultivadores de guaraná, que nos relataram a respeito da atividade do guaraná no município de Maués, principais dificuldades e avanços nos últimos anos nessa atividade econômica, bem como nos deram informações referentes ao papel desempenhado pela AmBev na comercialização do guaraná. Nesse período visitamos e entrevistamos por meio de um roteiro semiestruturado os órgãos de acompanhamento técnico IDAM e SEPROR e as empresas de bebidas AmBev e a Embrapa, que nos forneceram importantes dados sobre a produção do guaraná no Município de Maués.

Os últimos trabalhos de campo foram realizados durante os meses de setembro e novembro de 2016, na ocasião entrevistamos por meio de um roteiro semiestruturado os atravessadores financiados pela AmBev, que compram o guaraná e estabelecem relações de integração junto aos camponeses. E por fim, visitamos e acompanhamos os camponeses em suas propriedades na região do Urupadi durante uma semana no início do mês de novembro/2016; por meio da pesquisa participante, que inclui a observação direta, entrevistas e o convívio no dia a dia, foi possível entender a organização da produção agrícola familiar no processo de produção do guaraná e as estratégias de reprodução camponesa.

Como instrumentos técnicos da pesquisa, utilizamos a câmera fotográfica, gravador de voz, computador, caderneta de anotações, GPS, imagens de satélites, entre outros. Após a realização dos trabalhos de campo foi feita a organização e análise dos dados de acordo com os objetivos propostos da pesquisa, que foram representados em tabelas, quadros, mapas, entrevistas transcritas, etc. o que resultou neste artigo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **O Papel da Embrapa no processo de tecnificação da produção do guaraná no município de Maués-AM**

Para entender como se dá atualmente as características da monopolização do território pelo capital por meio da produção do guaraná em Maués, é preciso levar em consideração a atuação dos diferentes sujeitos sociais e instituições envolvidas

nas etapas de cultivo e comercialização do guaraná. Assim, cabe destacar o papel da Embrapa (Estado) e da AmBev (Capital), pois estas duas instituições são fundamentais no entendimento das características atuais da monopolização do território pelo capital, principalmente por conta da difusão do guaraná clonado, que se apresenta como uma nova racionalidade produtiva; e assim, essas instituições por meio de um conjunto de ações participam diretamente de todas as etapas que envolvem a produção camponesa do guaraná, do cultivo a comercialização.

Assim, não dá para analisar a produção do guaraná, em especial do guaraná clonado no município de Maués sem levar em consideração o papel da Embrapa, pois esta empresa vem desde a década de 70 trabalhando na produção de clones de guaraná, tendo papel de destaque na difusão da nova racionalidade produtiva do guaraná em Maués.

A utilização de clones possuidores de altos níveis de resistência estável e previsível constituiu-se na estratégia de controle mais viável do ponto de vista socioeconômico e ambiental. Neste sentido a Embrapa Amazônia Ocidental, através do seu programa de melhoramento genético do guaranazeiro, tem caracterizado os clones quanto ao nível de resistência, estabilidade e previsibilidade de resistência, frequência de infecção e também adaptabilidade dos clones a serem recomendados para o uso pelos produtores (SOUZA, 2010, p. 10).

O objetivo principal da Embrapa é trabalhar a resistência do guaraná, principalmente contra doenças como a Antracnose (causada pelo fungo *colletotrichum guaranicola*), além de tornar a espécie mais rentável para o mercado, pois os clones de guaraná tendem a produzir muito mais rápido que o nativo e a gerar até 1,5 quilos de frutos por árvore, enquanto que o guaraná nativo geralmente não produz nem a metade disso. Por isso, um dos técnicos da empresa frisou que o trabalho da Embrapa tem contribuído para a economia do município de Maués, e que apesar da importância de se manter o cultivo do guaraná nativo na região, o clonado é essencial para o comércio e conseqüentemente para assegurar uma melhor renda para os camponeses de Maués.

A Embrapa tem sua sede e campo experimental próximo da sede municipal, cerca de 3 km, e além do trabalho de pesquisa com o guaraná clonado, a mesma ainda fornece os conhecimentos técnicos acerca do cultivo dessa variedade. Os técnicos da Embrapa ensinam como fazer as covas para o plantio, que materiais utilizar na adubação, o espaçamento entre as mudas, como fazer a poda, tratamentos contra doenças, etc. em alguns casos os técnicos da empresa visitam as propriedades camponesas para prestar assistência técnica, em casos mais comuns, a Embrapa organiza mutirões em parceria com a AmBev e o IDAM em determinadas comunidades, onde são convidados os camponeses das determinadas regiões para terem acesso aos ensinamentos técnicos de cultivo do guaraná clonado e de outras culturas.

Na sede da Embrapa em Maués existe uma variedade de pesquisadores especializados em determinados ramos de conhecimento, como por exemplo: em solo, planta, insetos, etc. e durante o ano a sede em Maués ainda recebe visitas de

outros especialistas provindos de outros estados do País, todos empenhados em pesquisas com o guaraná. Sem dúvida, a Embrapa tem contribuído significativamente para a tecnificação da produção do guaraná, e ajudando a constituir um novo momento na agricultura do município de Maués.

No campo experimental da Embrapa são cultivadas 18 variedades de clones em 08 parcelas demonstrativas, com 35 plantas para cada parcela, incluindo uma variedade de 03 espécies de clones por parcela. O destaque maior é para as espécies do tipo: Mundurucânia, BRS Luzea, Cereçaporanga, Cultivar BRS e BRS-Maués (figuras 2 e 3), este último produzido em parceria com a AmBev, e que é atualmente o mais distribuído para os camponeses.



**Figura 2.** Embrapa, sede Maués-AM. **Fonte:** Nascimento, D. G., trabalho de campo, agosto de 2015.



**Figura 3.** Campo experimental da Embrapa-Maués. **Fonte:** Nascimento, D. G., trabalho de campo, agosto de 2015.

Um fato importante é relação estabelecida entre a Embrapa e a AmBev, essas duas empresas firmaram um convenio de ajuda mútua, onde a Embrapa por meio de suas pesquisas com o guaraná clonado auxilia a fazenda Santa Helena da AmBev e vice-versa. Ou seja, as variedades dos clones de guaraná estudadas e certificadas pela Embrapa passam a serem produzidas na Fazenda Santa Helena ou em outros casos as duas Empresas estudam e produzem juntas novas variedades do guaraná clonado, como foi o caso do tipo BRS-Maués.

Sem dúvida, compreender o papel da Embrapa é essencial para entender as características atuais da monopolização do território pelo capital, visto que a nova racionalidade produtiva do guaraná clonado atende também aos interesses do mercado capitalista, em especial, da AmBev, que compra praticamente toda a produção do guaraná de Maués. Assim, o trabalho da Embrapa com o guaraná se torna fundamental para os interesses capitalistas, pois beneficia os comerciantes, a indústria e os bancos.

### **A atuação da AmBev no comércio do guaraná em Maués-AM**

Tão importante quanto a Embrapa, e essencial em nossas análises no entendimento das características da monopolização do território pelo capital em Maués, é o papel da Empresa de bebidas AmBev, que compra o guaraná de Maués desde o início do século XX, e está instalada no município desde 1964, comprando diretamente mais de 80% de toda produção do guaraná da região, não somente de Maués, mas de outros municípios do Amazonas, como Uruará, Parintins, Apuí, Boa vista do Ramos, etc. além de uma parcela do Estado da Bahia<sup>2</sup>.

Antes de tudo, cabe destacar que expansão capitalista no campo do ponto de vista da monopolização do território pelo capital se caracteriza pela permanência de relações não tipicamente capitalistas no campo, ou seja, o capital não precisa expropriar os camponeses ou transforma-los em trabalhadores assalariados, apenas necessita se apropriar da renda da terra, ou seja, da produção camponesa. Em sua obra “os camponeses e a política” Martins (1995, p. 175) aponta que:

[...] estamos diante da sujeição da renda ao capital. Esse é o processo que se observa claramente em nosso País, tanto em relação a grande propriedade, quanto em relação a propriedade familiar do tipo camponês [...] o capital não se torna proprietário da terra, mas cria as condições para extrair o excedente econômico, ou seja, especificamente renda onde aparentemente não existe.

O capital sujeita a produção camponesa aos seus interesses, e, nesse sentido, o camponês deve ser entendido como parte integrante do sistema capitalista. Ou seja,

---

<sup>2</sup> Por questões de políticas internas da empresa, a mesma não informa a respeito da quantidade de guaraná comprado em cada Estado. Somente afirma que o estado do Amazonas é quem ainda fornece a maior parte das matérias primas. A AmBev também destaca que o guaraná do Amazonas tem maior qualidade, por isso, o preço é maior, supera três vezes o preço dado no guaraná da Bahia.

o entendimento da permanência de relações não tipicamente capitalistas no campo se deve ao próprio caráter contraditório do desenvolvimento capitalista, que ao se expandir no campo expande também suas contradições que lhe são inerentes, nesse caso, extraíndo apenas a renda da terra (OLIVEIRA, 2007).

A expansão do capitalismo no campo se dá primeiro e fundamentalmente pela sujeição da renda da territorial ao capital. Comprando a terra, para explorar ou vender, ou subordinando a produção do tipo camponês, o capital mostra-se fundamentalmente interessado na sujeição da renda da terra, que é condição para que ele possa sujeitar também o trabalho que se dá nela (MARTINS, 1995, p. 177).

Assim, no processo de monopolização do território pelo capital estamos diante da sujeição da renda da terra por meio da apropriação da produção camponesa pelo capital. Paulino (2012) destaca as características do processo de monopolização do território pelo capital no estado do Paraná por meio da atividade camponesa na avicultura, sericultura, entre outras atividades, destacando a forma como as empresas atuam na extração da renda da terra; em um primeiro momento estabelecendo uma relação chamada de integração, na qual as empresas estabelecem relações diretas com os camponeses, lhes financiando uma parte da produção em termos de materiais (despesas) e acompanhamento técnico, e num segundo momento, exigindo produção imediata, mercadoria de acordo com os padrões da empresa, e ainda controlando os preços da produção camponesa.

No caso de Maués, há uma relação muito semelhante com o estudado por Paulino (2012) no Paraná, sobretudo, por conta da relação recente que a empresa AmBev vem tentando estabelecer com os camponeses cultivadores de guaraná por meio do projeto de integração PEGAR (Programa de Excelência do Guaraná), na qual a empresa atua diretamente com o produtor, lhe financiando o material necessário para o cultivo do guaraná (mudas de guaraná, roçadeira, gasolina, adubo, gasolina, etc.) e acompanhamento técnico. Por outro lado, o camponês deve fornecer pelo menos 80% de sua produção, além de pagar os gastos de produção para a empresa segundo um dos camponeses entrevistados, que alegou esse motivo para não participar do PEGAR. Talvez por esse motivo, essa forma de integração tem encontrado resistência no município de Maués, pois a AmBev ressaltou que trabalha em “parceria” com apenas cerca de 40 produtores de guaraná. De qualquer forma, essas relações fazem parte de uma nova forma encontrada pelos capitalistas para obter maiores vantagens na extração da renda da terra.

O que está em jogo são as estratégias por meio dos quais os capitalistas se apropriam da riqueza gerada unicamente pelo trabalho, acredita-se ser necessário partir para a distinção entre as relações tipicamente capitalistas, nas quais a equação salarial garante a sua apropriação, das formas não tipicamente capitalistas, em que não é o trabalho, mas o produto que o contém, que irá compor a taxa de lucro dos capitalistas (PAULINO, 2012, p. 121).

Diante do exposto, fica evidente que na extração da renda da terra por meio da produção do guaraná em Maués há um conjunto de agentes atuando, pois não se

pode negar que nesse processo todos ganham vantagens, desde o atravessador a AmBev, e ainda os bancos.

[...] há outras esferas em que a renda camponesa é apropriada, como na intermediação do capital comercial, na ação do capital financeiro, no mecanismo de preços estabelecidos pelas indústrias de insumos e máquinas, enfim, são diversas as situações em que essa transferência ocorre (PAULINO, 2012, p. 122).

Em entrevista um dos funcionários da AmBev relatou que o município de Maués até a década de 80 supria as necessidades de matéria prima da Empresa, inclusive, havia mais disponibilidade de matéria prima do que a demanda da então empresa de guaraná Antártica. Essa situação fez o preço do guaraná baixar, fazendo decair a produção, como já ressaltado, com a fusão da Antártica com a Brahma que resultou na atual AmBev a demanda por matéria prima aumentou drasticamente, pois a AmBev se tornou mundial e uma das maiores Empresas de bebidas do mundo. Nessa situação, o município de Maués passou a não suprir mais as necessidades da empresa, que se viu obrigada a comprar guaraná de outros municípios do estado do Amazonas e do estado da Bahia.

Com o declínio acentuado na produtividade do guaraná em Maués desde a década de 90 a AmBev decidiu investir na produção de clones da espécie juntamente com a Embrapa, em parceria essas empresas vêm desde o início dos anos 2000 tentando reerguer a produção do guaraná no município. Até o momento os resultados não foram tão significativos como o esperado, no entanto, a difusão do guaraná clonado tem avançado no município de Maués, uma realidade que agrada a AmBev juntamente com a Embrapa, e os órgãos técnicos de acompanhamento SEPROR e IDAM, pois a difusão dos clones significa maior produtividade, além de ser benéfico para os interesses comerciais da AmBev.

Quando interrogados sobre o porquê da AmBev ainda investir em Maués, os técnicos da empresa enfatizaram que é devido à qualidade do guaraná da região, que supera significativamente o guaraná produzido na Bahia, uma realidade que se deve, sobretudo, ao processo de beneficiamento, pois na Bahia, onde se destaca como grande produtor o município de Taperoá, as técnicas de beneficiamento são outras, o guaraná é exposto à secagem ao sol, o que faz com que perca suas principais propriedades, principalmente a cafeína, que é fundamental para as indústrias de bebidas. No caso de Maués o beneficiamento é diferente, pois se usa o forno para a torragem, e assim, o guaraná de Maués chega a cerca de 6% de cafeína, enquanto o da Bahia chega ao máximo 3%. Desse modo, o guaraná da Bahia não tendo ainda a qualidade necessária exigida pelos padrões da empresa, esta ainda dá prioridade para o guaraná produzido em Maués e no restante do estado do Amazonas.

Nesse contexto, um fato importante é a atual disputa pela valorização do guaraná no mercado nacional e internacional entre o estado da Bahia, que tem como grande produtor o município de Taperoá e o estado do Amazonas, que tem como produtor de destaque o Município de Maués. Apesar do estado da Bahia atualmente deter cerca de 70% de toda produção nacional do guaraná, no preço o guaraná de Maués supera a desvantagem, valendo três vezes mais no mercado do que o da Bahia.

Para tentar reverter essa situação os produtores baianos criaram a marca “guaraná da mata atlântica”, uma forma de valorizar seu produto no mercado, que ainda prefere o guaraná da Amazônia, porém, diante dessa situação os amazonenses responderam à altura, exigindo do Ministério da Agricultura o selo de Indicação Geográfica (IG), que atribui reputação, valor intrínseco e identidade própria ao produto. Assim, como destacou no ano de 2015 a reportagem do jornal paulista “Folha de São Paulo” (figura 4), os dois estados travam uma verdadeira guerra pela valorização do seu guaraná.



**mercado**

## Bahia e Amazônia travam guerra do guaraná, para valorizar produto

LUCAS REIS  
DE SÃO PAULO

17/05/2015 @ 02h07

Compartilhar 3,7 mil OUVIR O TEXTO Mais opções

A Bahia já tem guaraná como ninguém –o fruto é o símbolo da Amazônia, mas é em terras baianas que está a maior produção nacional.

Levada do Amazonas para a Bahia nos anos 1970, a planta se adaptou perfeitamente à região, com produções mais rentáveis por hectare, por causa do solo mais fértil e da temperatura amena à noite.

Mas, embora o sul da Bahia produza três vezes mais guaraná que toda a região Norte, no preço, a Amazônia inverte a vantagem.

PUBLICIDADE

FAÇA AGORA UMA SIMULAÇÃO ONLINE SEM COMPROMISSO

**Figura 4.** Reportagem da folha de São Paulo sobre a guerra do guaraná. **Fonte:** Jornal Folha de São Paulo online. Data: 17.05.2015.

A AmBev apesar do investimento que faz no guaraná clonado, também compra o guaraná nativo dos camponeses de Maués, ditando os preços e forma como quer o produto, nesse caso, em grãos e torrado (rama). Atualmente, como enfatizado anteriormente, a empresa vem tentando estabelecer uma relação de integração com os produtores por meio do projeto denominado “PEGAR” (Programa de Excelência do Guaraná), tal como fizeram as empresas avícolas do Paraná estudadas por Paulino (2012), no entanto, por ser um projeto recente, e ainda por haver certa resistência quanto às imposições técnicas do guaraná clonado, a empresa ainda não teve o resultado esperado.

A AmBev conta com uma fábrica de extrato do guaraná (1964) localizada na sede municipal, onde se retira o extrato (xarope) do guaraná, que posteriormente é enviado para Manaus, onde se processa a próxima etapa do beneficiamento, para finalmente ser encaminhado para as filiais da empresa espalhadas pelo País para a fabricação das bebidas, onde se destaca o refrigerante da marca guaraná Antártica, Baré e Sukita. Além da fábrica de extratos, a AmBev conta com a fazenda Santa Helena (1971), um importante laboratório de estudo sobre a cultura do guaraná, onde é produzido cerca de 100 mil mudas de guaraná clonado, tanto para o consumo interno da empresa como para distribuir para os camponeses (figuras 5).

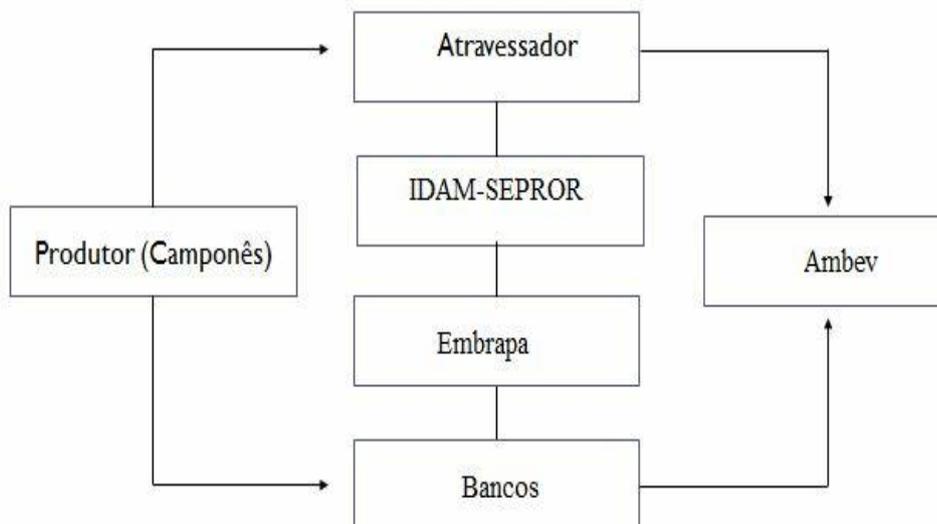


**Figura 5.** Viveiro de guaraná na Fazenda Santa Helena. **Fonte:** Nogueira, R. J. B., trabalho de campo, 2013.

Nesse contexto, nasceu a Fazenda Santa Helena, um grande viveiro de mudas e um laboratório de estudos sobre a cultura do guaraná. Em parceria com a Embrapa, os agrônomos têm pesquisado as melhores técnicas para o plantio comercial: espaçamento, tamanho da cova, adubação, seleção das espécies mais produtivas e resistentes a pragas. Os conhecimentos adquiridos são compartilhados com os produtores locais, o que alterou a forma de parte dos agricultores executarem o plantio do guaraná. Algumas plantações espalhadas deram lugar ao cultivo planejado, com utilização de mudas distribuídas pela prefeitura, em parceria com AmBev e Embrapa (ALMEIDA, 2007, p.49).

A AmBev utiliza um sistema de comercialização do guaraná por meio de atravessadores, segundo fontes da Empresa, na sede municipal de Maués existem 06 pessoas responsáveis pela comercialização do guaraná, nesse caso, a Empresa financia esses atravessadores, algo que será mais bem descrito posteriormente. Assim, atualmente na rede comercial do guaraná existem inúmeros agentes atuando (figura 6), desde sujeitos sociais a instituições públicas e privadas, uma necessidade da era atual, marcada pela dinâmica e fluidez do capital na era do território em rede (HAESBAERT, 2004).

Principais agentes envolvidos no processo de produção e comercialização do guaraná no contexto atual.



Organização: COSTA, 2016. Pesquisa de campo, 2015-2016.

**Figura 6.** Principais agentes envolvidos no cultivo e comércio do guaraná. **Fonte:** COSTA, L.F.B. Trabalhos de campo, 2015 e 2016.

Diante do exposto, fica evidente que para entender as características atuais da monopolização do território pelo capital no município de Maués é preciso levar em consideração o importante papel desempenhado pela Embrapa (Estado) e AmBev (Capital), pois essas empresas ditam a tecnificação da produção, os padrões de qualidade, os preços, e induzem os camponeses a acompanhar os ritmos da inovação industrial e tecnológica. Nessa situação o capital com a ajuda do Estado busca novas estratégias para adquirir maiores vantagens na extração da renda camponesa da terra.

### **A comercialização do guaraná e a reprodução camponesa: entre a subordinação e a autonomia**

Cerca de 80% de toda produção do guaraná de Maués é apropriada pela AmBev de acordo com fontes do IDAM. Essa empresa adquire a matéria prima por meio de atravessadores, que recebem recursos financeiros para comercializar o guaraná em rama junto aos camponeses, em alguns casos, a mesma fornece inclusive apoio material, que passa pelo atravessador antes de chegar ao produtor, como por exemplo: mudas de guaraná e adubo, cabendo ao produtor posteriormente sanar suas dívidas com a venda da sua produção.

Alguns desses atravessadores financiados pela AmBev já trabalham há décadas neste ramo, nesse caso, já trabalhavam para a antiga empresa Paulista Antártica, e continuaram nesse comercio com a AmBev. Geralmente são comerciantes, que além de trabalharem para a AmBev, também comercializam o guaraná na forma em pó e bastão, e tem sua própria plantação de guaraná na área rural do município de Maués. O papel desses sujeitos sociais é importante para entender a rede comercial

do guaraná, visto que além de estarem na comercialização do produto, eles ainda estabelecem uma relação de confiança com os camponeses, inclusive, em alguns casos lhes financiando parte da produção.

Já faz uns 40 anos que eu compro guaraná, faz tempo, compro dos produtor daqui do polo 01 e de toda região, [...] eu produzo guaraná e compro também né. A gente vende em bastão, pó, de ótima qualidade, e também tem né o negócio diretamente com a AmBev, que eu sempre vendo pra eles, e maioria do que eu compro é exclusivo pra eles, que auxiliam a gente na parte da compra, e outra que ela arruma as muda pra plantação, eles tem o viveiro lá, e a gente as vezes arruma pro produtor, e assim dá um incentivo né, assim eu faço com meus produtor de confiança, tem o maranhão, maior produtor de Maués, que eu financio ele o ano todo, forneço a despesa, adubo, a despesa de mantimento do pessoal dele, até na colheita né, e eu sempre compro o guaraná dele todo ano (A.J.F, 65 anos, atravessador. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Como se observa, o atravessador tem papel de destaque no comercio do guaraná, pois ao mesmo tempo em que é financiado pela AmBev, ele também financia a produção camponesa, sobretudo, nas despesas de cultivo e beneficiamento do guaraná. Nesse caso, estabelece-se uma relação de confiança entre esses sujeitos sociais, pois os camponeses só comercializam sua produção para comerciantes/atravesadores de sua confiança, e esses atravessadores do mesmo modo, apenas financiam “produtores de confiança”. O depoimento em destaque demonstra que o atravessador financia o maior produtor de guaraná de Maués, o camponês pioneiro no cultivo do guaraná clonado da região do Urupadi, que em entrevista também relatou receber esse apoio do atravessador, porém, destacando que mediante a comercialização de sua produção todas as dívidas são sanadas.

Hoje eu comercializo com o comerciante Toninho Quixadá, antes era com a empresa, mas tivemos desentendimentos, aí cortamos a relação [...] meu guaraná vai pra empresa, mas passa pelo Toninho Quixadá, que eu trabalho com ele, mas eu vendo um pouquinho pra outros por ali também, algum atravessador, mas pouca coisa, 50, 100 quilos, coisa pouca, a maior parte é pra ele né, e ele compra pra AmBev, então de qualquer forma vai pra lá [...] ele é meu fornecedor de mercadoria, de tudo, na hora da venda eu pago o que devo e o que sobra é meu, mas o bom que ele paga na hora (M.M.S, 60 anos, Camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Fica evidente que existe uma forte relação de confiança entre o cultivador de guaraná e o comerciante, que geralmente há anos já se conhecem e mantém esse vínculo de “parceria”. O atravessador financia as despesas da produção, principalmente em materiais, como o adubo, gasolina, alimento dos diaristas, entre outras coisas, cabendo ao camponês posteriormente arcar com os custos da despesa. Porém, todas essas relações estão contornadas por um fetiche, haja vista, que, os camponeses aumentam sua dependência, apesar de acharem que estão sendo “ajudados” pelo atravessador e a Empresa. Paulino (2012) constatou uma realidade semelhante na atividade da avicultura no Estado do Paraná.

Como se pode observar, há uma série de insumos que são de responsabilidade direta do integrado, como é o caso da água, energia, gás, e a cama de frango. No caso das aves, a alimentação e a medicação necessárias representam um custo oculto, aparentemente sob responsabilidade da integradora, já que cabe a ela fornecê-las. Evidentemente, trata-se de um fetiche, pois a integradora, na realidade, os vende aos avicultores, em uma operação de adiantamento, cobrando pelos mesmos no momento de entrega das aves (PAULINO, 2012, p. 148).

É importante também destacar que cabe aos cultivadores de guaraná arcar com os custos da tecnificação da produção, uma exigência cada vez maior da AmBev, Embrapa e demais órgãos de acompanhamento técnico. Assim, insumos como adubo e mudas de guaraná clonado são de responsabilidade do produtor, um custo alto, que, como dito antes, obriga os camponeses a recorrerem constantemente aos financiamentos junto aos Bancos, pois a palavra de ordem é a tecnificação da produção.

Para as empresas, a palavra de ordem é a tecnificação dos produtores, item que na visão unânime dos técnicos é o gargalo na avicultura. Do ponto de vista da seleção genética das aves, do composto alimentar e da infraestrutura dos aviários, houve, na última década, enorme incorporação de tecnologia, com vistas ao aumento da produtividade (PAULINO, 2012, p. 144).

A realidade constatada por Paulino (2012) no que se refere à tecnificação da produção camponesa da atividade avícola no estado do Paraná, onde as empresas avícolas impuseram a renovação tecnológica como forma de produtividade, é a mesma realidade constatada no município de Maués, onde a difusão da nova racionalidade produtiva do guaraná clonado induz os camponeses a se adaptarem a uma nova lógica de produção, haja vista, que, a lógica de mercado requer quantidade, qualidade e produção imediata. Soma-se a isso ainda, a necessidade do capital manter os preços sempre abaixo do valor real das mercadorias.

O preço ofertado pelos atravessadores no guaraná nos últimos anos tem ficado em torno de 21 a 22 reais o quilo do guaraná. Segundo um dos atravessadores entrevistados, eles ganham uma porcentagem quando repassam a mercadoria para a AmBev, em torno de 01 real no quilo de guaraná, ou seja, se compram a 22 reais o quilo, revendem a 23 reais para a empresa. No entanto, essa informação não condiz com o que dizem os camponeses a respeito desse assunto como se verá adiante.

Eu sempre compro numa base de 30 a 60 toneladas por ano [...] esse ano eu comecei a comprar a 22 reais o quilo, agora num quer dizer que vai ficar 22 até o fim, por que eles vão passar aqui comigo pra dizer o quanto eles vão chegar no preço e por quanto eu posso comprar, por que através do que eles me oriento aqui eu também tenho que tomar uma decisão né (A.J.F, 65 anos, atravessador. Trabalho de campo, novembro de 2016).

É importante se observar a atuação da AmBev, mesmo que indiretamente, pois ela orienta seus atravessadores na forma como devem conduzir a comercialização,

desde os preços ao fomento da produção camponesa. Os atravessadores compram guaraná de qualquer cultivador, não importando a quantidade (figuras 07), mas sim a qualidade, pois se não tiver nos padrões da empresa, certamente não haverá negociação, por isso, a necessidade dos atravessadores obterem “produtores de confiança”. É importante também destacar que nem todos os camponeses estabelecem relações de integração junto aos atravessadores, geralmente apenas os cultivadores de destaque na produção do guaraná.



**Figura 7.** Estoque de guaraná em rama comercializado pelos atravessadores. **Fonte:** COSTA, L.F.B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Os camponeses, subordinados ao capital, reconhecem de certa forma sua dependência e até mesmo sua exploração pelas forças do capital comercial e industrial, as chamadas forças externas como observou Shanin (1980). Compreendem que essas forças externas se apropriam do valor do fruto do seu trabalho.

A primeira que eu vou ti falar é o seguinte, é que **ela dá o ganho pro atravessador**, isso ai eu falo sem medo nenhum, esse lado eu num perdoou, o ganho que eles dão, pois o cara que tá lá na beira comprando de 21, ai vão vender na Empresa a 23, se o cara comprar 05 toneladas vezes 03, o cara que tá lá na beira, com o pé enxuto, andando de bota, comprando 05 toneladas a 03 reais é o cara que tá ganhando dinheiro. Então, esse dinheiro que eles tão dando pro atravessador, se eles num quisesse que entrasse no escritório como de primeiro, eles abriam um galpão lá na beira pra comprar, 02 ou 03 funcionário dava pra compra lá na beira, e esse dinheiro, esse aumento de 02 reais o quilo era pro produto, pra ele comprar o adubo, a gasolina pra limpa o guaraná dele, uma roçadeira, pagar uns diarista pra ajuda ele, então ia servi demais, ela tinha que ver isso, bastava isso ai, já era, era uma melhora pra gente (M.M.S, 60 anos, camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Na nossa opinião aqui, eu e de outros produtor, **eles sai ganhando na nossa costa**, entendeu, por exemplo, o que a gente sabe é que a AmBev

compra deles a 24, 25 reais o quilo, ai eles vão lá e dão pra gente 21, 22 reais no quilo, então o cara vai lá e produz duas toneladas e o outro ganha 02,03 reais na costa do cara, isso é errado, por que a empresa devia comprar diretamente do produtor. E, outra coisa, na minha opinião a empresa tem condições de pegar um barco grande de fazer a coleta do produto, acho que seria bom pro produtor, vinha no porto, comprava, ajudava diretamente o produtor, e assim ia ajudar melhor o município (A.G.S, 43 anos, camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Nitidamente os cultivadores de guaraná reconhecem sua subordinação e de certa forma sua exploração pelas forças do capital, tanto por parte dos atravessadores como por parte da empresa. A relação com o capital nem sempre é harmoniosa, na verdade costuma ser conflituosa, principalmente por conta da consciência por parte dos camponeses de que eles são vítimas de um sistema injusto. E assim, ao mesmo tempo em que se estabelecem relações de “parceria” com os atravessadores e a AmBev, também ocorrem os conflitos, as desconfianças, enfim, a contradição é sem dúvida marcante na relação dos camponeses com o capital.

Outra questão que tem incomodado os camponeses é a estagnação no preço do guaraná, que há anos não tem reajuste, e essa condição força os camponeses a um aumento constante da sua produção, já que os preços em diárias e alimentos em geral aumentam continuamente.

**Não tô satisfeito**, esse ano faz oito anos que a gente tá vendendo do mesmo preço. Eu acho assim; num tá um preço ruim, mas só que também num tá um preço justo né, por que veja bem; o açúcar, gasolina, tudo aumenta, de todo mês, né? A diária, então o que acontece é que se você tem um produto sempre do mesmo preço você se enfraquece, lá fora o guaraná vale muito e tem muita gente ganhando dinheiro ai, gente que não faz o que a gente faz [...] pra mim o preço justo hoje seria uns 30 reais o quilo. Ai nessa situação o que a gente faz; a gente tem que produzir muito, por que se você pensar ah já tenho uns 04 ha, mas se tu não se esforçar pra fazer mais, ai você num vai crescer, vai continuar naquele patamar, ai aumenta diária, o consumo, a limpeza, e ai? (A.G.S, 43 anos, Camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

É importante observar a forma como o capital, que controla os preços, ao mantê-los estagnados, acaba por impor aos camponeses uma produção crescente, já que para manter os custos de produção e as necessidades básicas da unidade familiar, não há outra saída senão aumentar a produção constantemente, algo que gera novamente a insatisfação dos camponeses. Por isso, além de aumentarem suas plantações de guaraná, eles recorrem a outras formas de renda, principalmente diversificando a produção, investindo em outras culturas, uma condição essencial para não caírem nas armadilhas do mercado.

Sem dúvida, a imposição do capital força os camponeses a uma nova organização da unidade de produção familiar, pois cabe a eles se adequarem as exigências externas, algo necessário para sua reprodução. Nesse quesito, os camponeses da Amazônia são exemplos de adaptação, no qual se pode usar como exemplo no médio rio Amazonas a cultura da juta, que por muito tempo foi o principal produto da atividade camponesa nessa região, e, que, a partir do seu declínio, foi necessária

uma nova adaptação por parte desses sujeitos sociais, que passaram a investir numa combinação de atividades, que inclui a atividade pecuária, pesqueira e a diversidade na atividade agrícola, algo que lhes assegurou com sucesso a reprodução social e econômica.

Por isso, essa subordinação ao capital, que inclui as relações de integração junto aos atravessadores, a aceitação do guaraná clonado, os empréstimos bancários, etc. não devem ser entendidos como o fim da autonomia camponesa, muito menos o seu próprio fim, ao contrário, trata-se de uma estratégia de reprodução, de adequação as circunstâncias impostas, o que, inclusive, mostra o sucesso da adaptação camponesa as exigências externas, rompendo assim com a visão de atraso que se tem sobre esses sujeitos sociais, já que historicamente vieram sempre se adaptando a modernidade sem deixar de ser camponeses, principalmente no caso da Amazônia como defende Harris (2006, p. 81).

Propomos o argumento de que os caboclos são modernos em sua renovação constante do passado no presente; uma estratégia que provou ser um sucesso reprodutivo e que foi decisiva para a adaptação dos camponeses as condições econômicas e políticas da Amazônia. As características essenciais dos camponeses que vivem as margens dos rios (ribeirinhos, caboclos) são sua flexibilidade e resiliência, aspectos que requerem uma explanação histórica.

Conforme esse autor os camponeses pelas suas próprias renovações diante das imposições das mudanças políticas e econômicas já seriam “modernos” por excelência, visto que se adequam e se reproduzem diante das condições as quais são expostos, renovando suas práticas em alguns momentos, e ao mesmo tempo mantendo outras antigas. E assim são entendidos aqui os camponeses cultivadores de guaraná de Maués, pois ao mesmo tempo em que se adequam as mudanças impostas, também resistem e mantêm velhas práticas sociais, culturais e econômicas; uma forma inteligente de se manterem enquanto sujeitos sociais alicerçados entre o novo e o velho, que se unem na caminhada para construir o futuro.

Apesar de todas as adversidades, os camponeses do Urupadi em especial, ainda se orgulham de sua autonomia, que inclui principalmente o fato de não serem trabalhadores assalariados, “rapaz eu nunca quis trabalhar assalariado, nunca gostei de ser mandado por ninguém, sempre fui assim, eu acho que pra gente crescer mesmo tem que trabalhar no que é da gente” (M.M.S, 60 anos, Camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016). Essa condição é essencial para entender o modo de vida dos camponeses, que ainda detêm a propriedade da terra e a não rigidez no horário de trabalho, uma realidade bem diferente daqueles que detêm apenas sua força de trabalho para sobreviver.

Os camponeses cultivadores de guaraná são sujeitos que se orgulham do trabalho que realizam e da vida que levam, pois o guaraná é sinônimo de prosperidade, e muitos utilizam essa renda para comprar bens de consumo que melhoram sua qualidade de vida, como por exemplo; um motor rabeta, um barco, uma voadeira, uma geladeira, um frizer, e em alguns casos uma casa na cidade de Maués. Como se observa, a renda do guaraná é principalmente para comprar coisas de valor segundo os próprios camponeses, coisas que melhoram e muito suas vidas, pois

apesar da renda do guaraná ser anual, os camponeses entrevistados relataram obter uma renda total de 10 até 60 mil reais por ano, dinheiro esse usado essencialmente para satisfazer as necessidades da família camponesa.

Portanto, os cultivadores de guaraná guardam consigo a marca da autonomia, do novo e do velho, pois esses camponeses que se adaptam cada vez mais a nova racionalidade do guaraná clonado, também são os mesmos que ainda mantêm muito de suas práticas tradicionais, seja no trabalho agrícola, como na combinação de atividades, que inclui a pesca, caça, criação de galináceos, ou ainda na religião, onde o catolicismo ainda predomina, nos laços comunitários, onde participam de encontros e reuniões das suas respectivas comunidades. Enfim, por tudo isso, os camponeses são sujeitos que “mudam e não mudam,”, aceitam a mudança, mas sempre conservando antigos saberes, uma condição essencial para compreendê-los no interior do desenvolvimento capitalista no campo Amazônico.

## **CONCLUSÃO**

Mais do que uma atividade econômica, a produção comercial do guaraná no município de Maués está pautada num modo de vida e numa razão de ser, que carrega história e cultura. Nesse sentido, essa pesquisa buscou compreender as características do processo de monopolização do território pelo capital no município de Maués por meio da produção comercial do guaraná.

A abordagem teórica tendo como base o processo de monopolização do território pelo capital nos permitiu compreender que sempre haverá lugar para relações não capitalistas dentro do campo, pois a expansão do capital nesse espaço é contraditória, ou seja, nem sempre os capitalistas precisam expropriar ou assalariar o pequeno produtor, em muitos casos, é mais vantajoso se apropriar da produção camponesa, principalmente se for atividades de risco, que dependem de clima e de outras questões como é a atividade do guaraná, bem como foi o caso da juta no médio rio Amazonas. Sabe-se que os capitalistas não gostam de incertezas e riscos na produção, afinal, o lucro não pode ser comprometido, por isso, nessa lógica é mais viável controlar os preços e a comercialização, e deixar a incerteza da produção na responsabilidade de outros. Portanto, é essa lógica capitalista que permite haver espaço para a produção camponesa, e é essa condição que permite aos cultivadores de guaraná de Maués permanecerem nessa atividade socioeconômica.

Pode-se afirmar que, quanto aos níveis da subordinação camponesa ao capital, atualmente os cultivadores de guaraná encontram-se bastante dependentes, seja por conta do guaraná clonado conseguido por meio de financiamento junto aos Bancos, como pela relação de integração aos atravessadores, e ainda ao monopólio da AmBev, que dita os preços, a qualidade, e por fim, os níveis da monopolização do território. Por outro lado, esses camponeses têm acompanhado as exigências externas as unidades de produção, aceitando as normas e ao mesmo tempo a elas resistindo, porém, historicamente eles têm encontrado formas de se manter na atividade do guaraná, que representa mais do que uma atividade econômica, mas um modo de vida historicamente construído.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. *Memória dos brasileiros: saberes e fazeres o guaraná de Maués*. São Paulo: Museu da Pessoa, 2007.
- BENCHIMOL, S. *Amazônia: Formação Social e Cultural*. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2009.
- CARNEIRO, A.P. *Memórias da cidade de Maués*. Maués: ed./ Sec, 2013.
- CRUZ, M. J. M. *A territorialização camponesa na várzea da Amazônia* (tese de doutorado). Universidade de São Paulo, 2007.
- FARACO, R. *Maués – terra, gente e memórias*. Manaus: editora Valer, 2006.
- FIGUEROA, A. L.G. Guaraná, a máquina do tempo dos Sateré-Mawé. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 11, n. 1, p. 55-85, jan.-abr., 2016.
- GARCIA J. R, *Terra de trabalho*. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1983.
- GONÇALVES, C. W.P. *Amazônia, Amazônias*. 3º ed. São Paulo, contexto, 2010.
- HAERBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HARRIS, M. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. P. 81-108. In: ADAMS, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. (Orgs). *Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006.
- HOMMA, A.K.O. *Extrativismo vegetal na Amazônia: história, ecologia, economia e domesticação*. Embrapa: Brasília-DF, 2014.
- LORENZ, S. S. *Sateré Mawé: os filhos do guaraná*. São Paulo: Centro de trabalho indigenista, 1992.
- MARTINS, J. S. *Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. Petrópolis. 5ª ed, Vozes, 1995.
- MONTEIRO, M. Y. Antropogeografia. *Cadernos da Amazônia: conselho nacional de pesquisa*. Manaus, 1965.
- OLIVEIRA, A. U. *Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária*. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p.

OLIVEIRA, A. U. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, A. F. Org. *Novos caminhos da geografia*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, A. U. *Agricultura Camponesa no Brasil*. São Paulo, editora Contexto, 1996.

PAULINO, E.T. *Por uma geografia dos camponeses*. São Paulo: 2ª ed. editora da UNESP, 2012.

PAIVA, O. M. O. *A história de Maués: um caminho através do tempo, da sua fundação aos nossos dias*. Maués:ed/ sec, 2010.

PEREIRA, N. *Os índios Maués*. 2º ed. Manaus: editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003.

PEREIRA, J.C.R; ARRUDA, M.R. *Pesquisa com guaranazeiro na Embrapa Amazônia Ocidental: status atual e perspectivas*. Manaus, Embrapa Ocidental, 2007.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, J. V.T. *Colonos do Vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. São Paulo: 2ª ed. Editora Hucitec, 1984.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 11º ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SHANIN, T. *A definição de camponês: conceituações e desconceituações: o velho e novo em uma discussão marxista*. IN: Estudos CEBRAP, n. 26, Editora Vozes, 1980.

SOUZA, W. M. *Fertilidade do solo e estado nutricional do guaranazeiro (Paullinia cupana var. sorbilis (Mart.) Ducke) cultivado em sistema orgânico*. (dissertação de Mestrado), Universidade Federal do Amazonas, 2010.

UGGÊ, H.. *As bonitas histórias dos Sateré-Mawé*. Imprensa oficial do Estado do Amazonas, Manaus, 1991.

VASCONCELOS, A. S. *Cadeia produtiva do guaraná do Amazonas*. 80 p. (monografia de conclusão de graduação em ciências econômicas pela Universidade Federal do Amazonas). Manaus, UFAM, 2004.

**Recebido em 02/03/2019**  
**Aceito em 09/07/2019**